

FÓRUM DO AGRONEGÓCIO 2018

O PROTAGONISMO DO AGRO BRASILEIRO NO MUNDO

Data: 09 de abril de 2018, segunda-feira

Horário: das 13 às 18 horas

Recinto: Horácio Sabino Coimbra – ExpoLondrina 2018

Público: Cerca de 400 pessoas de diferentes segmentos do agronegócio - entre alunos de graduação e pós, agricultores, pecuaristas, produtores rurais, jornalistas, relações públicas, formadores de opinião, lideranças e representantes do terceiro setor, cooperativas, de indústrias de insumos, máquinas e tecnologias voltadas para o meio rural, entidades de classe, instituições de ensino e outras – estiveram presentes.

Organização e coordenação: Marlene Marchiori e Mariana Zorzato Samartano

Realização: Sociedade Rural do Paraná e M.Marchiori

Relatoria: Telma Elorza e Guto Rocha

Assessoria de imprensa: Telma Elorza

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

O BRASIL PROTAGONISTA DE UMA NOVA HISTÓRIA NO AGRO MUNDIAL

SUENE ANDRADE - Gerente Estratégia com o Mercado Apex Brasil

A conferencista iniciou sua participação apresentando alguns dados da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos. A APEX, segundo ela, além da promoção de exportações e atração de investimentos, atua como apoiadora da internacionalização de empresas brasileiras no exterior. Com 110 unidades fora do Brasil, a APEX, informou Suene, apoiou mais de 13 mil empresas em 2017, que exportaram um total de US\$ 62 bilhões, que representaram 28% do total exportado pelo País naquele período, sendo que os três maiores importadores foram a China, Estados Unidos e Argentina.

No setor do Agro, informou Suene, a APEX atua por complexos produtivos: alimentos, bebidas e agronegócio. Sendo que, dos 65 projetos que a agência apoia, 17 são ligados ao setor do Agro, que reúnem mil empresas, que exportaram no ano passado US\$ 20 bilhões.

Ela destacou que sem a presença do Agro, o saldo da balança brasileira seria negativo. E que o setor apresentou um crescimento impressionante nos últimos 20 anos, e que o País passou, de 1961 da condição de importador neste setor, para grande exportador nos anos 2000.

Isso, segundo ela, tem levado o Brasil a sofrer ataques internacionais, principalmente de organizações europeias, que afirmam que esse

crescimento foi a custa de desmatamento e destruição de recursos naturais. Mas ela disse que estudos indicam o contrário, apresentando dados que dão conta de que a produção agropecuária brasileira em 40 anos cresceu 400%, a produtividade teve um salto de mais de 200% e o uso da terra expandiu apenas 63%. Esse resultado, apontou ela, se deve ao desenvolvimento de novas tecnologias, políticas públicas para o setor, espírito empreendedor dos produtores brasileiros, e não resultado da expansão do uso da terra.

Suene disse que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos posiciona o Brasil entre os cinco primeiros produtores e exportadores mundiais do agro. Ela disse que muito mais que questões econômicas, a segurança alimentar colocam o Brasil em evidência neste setor. Isso por que a ONU projeta para 2050 uma população mundial de 9,8 bilhões de pessoas, e o Brasil tem grande relevância para suprir a demanda por alimentos.

Ela apresentou dados da FAO, que indicam que o crescimento da demanda por alimentos na próxima década não será tão grande quanto foi na passada. Mas que ainda assim haverá um crescimento. Suene afirmou que o desafio para o Brasil manter um crescimento sustentável no cenário mundial passa pela diversificação da pauta de exportações, que hoje tem a soja e a carne representando 50%, assim como a diversificação do mercado. A superação de barreiras tarifárias e fitossanitárias também são outros desafios que devem ser superados pelo País para garantir uma ampliação sustentável do mercado importador. Para ela, o fortalecimento do protagonismo do Brasil precisa de ações coordenadas de todos os envolvidos no setor agro na busca do crescimento sustentável.

ANA AMÉLIA LEMOS, Senadora

A senadora destacou logo na abertura de sua participação o fato de a sessão técnica da qual participava ter sido comandada por três mulheres. Também salientou que o evento reuniu o extrato do setor mais dinâmico da economia mundial, que é a produção de alimentos. “Somos fortes, somos os melhores no setor agro”, enfatizou. Ana Amélia relembrou que em 2003, quando ainda atuava como jornalista, o então ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, defendia a meta de produção de 100 milhões de toneladas, e hoje a produção atinge 230 milhões de toneladas. “Um salto incrível”, comentou.

A conferencista apontou como fundamental a questão colocada em pauta pelo evento: a comunicação. Para ela, o setor agro continua enfrentando preconceito extraordinário da área urbana, que não entende sua importância. “O produtor, que continua trabalhando de sol a sol, sem infraestrutura adequada, com elevados custos de produção, continua sendo chamado de desmatador”, pontuou. Isso segundo ela, deve-se muito ao fato de o setor se comunicar mal. Ela defende maior dinamismo na comunicação e uso das redes sociais. A senadora observou que a campanha Agro é Pop, da Rede Globo, criada para valorizar o setor, acaba glamourizando o agro. Isso, segundo ela, pode elevar ainda mais o preconceito, gerando a ideia

de que os produtores rurais “nadam em dinheiro”, quando na verdade o setor é dependente de questões climáticas e de políticas externas.

Do ponto de vista da política externa, segundo a senadora, o Brasil é muito mais “amiguinho” dos outros países do que de seus produtores rurais. Ela exemplificou com o fato do embargo da Rússia à carne suína brasileira. Para ela, o Brasil perdeu a oportunidade de utilizar o fato de a Rússia ter sofrido embargo de outros países por conta do envenenamento de agentes na Inglaterra. “Não utilizamos essa moeda de troca para reabrir nosso mercado para carne suína”. Ela também citou o caso da Noruega, onde o presidente Michel Temer foi repreendido pelo governo norueguês por conta da corrupção e do desmatamento da Amazônia. E recentemente, um duto de uma mineradora que pertence ao governo da Noruega ter se rompido e provocado desastre ambiental no Brasil. No entanto, observou a senadora, o Brasil não cobrou uma posição da Noruega. “Não sabemos de nossas potencialidades para avançarmos mais no nosso protagonismo”, afirmou.

A senadora também chamou a atenção para a importância da realização do Senso Agropecuário, que está defasado desde 2007. Para ela, a iniciativa terá valor inestimável para dimensionar a importância do agro. Ela observou que o Brasil, entre outras coisas, avança com o desenvolvimento de raças bovinas, com a produção de azeite premiado internacionalmente, ou seja, tem espaços para ampliar seu protagonismo, mas ainda ter problemas com logística e a falta legislações que facilitem o desenvolvimento do setor.

Ela criticou também a demora de 12 anos que o STF levou para aprovar o FUNRURAL. “Isso proporcionou muita insegurança jurídica. Os ministros do STF precisam conhecer o Brasil real, que é quem paga os salários deles, que vêm da produção agropecuária”, disse. Ana Amélia reafirmou a necessidade de o setor do Agro se comunicar melhor, observando que o País precisa, por exemplo, “vender” a agricultura de baixo carbono que pratica. E fez um apelo ao setor: “Comuniquem-se melhor. Como dizia Chacrinha: ‘Quem não se comunica se trumbica’”.

DEBATE

O AGRONEGÓCIO NA NOVA SOCIEDADE:

IMPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS PARA O BRASIL

Expositor: Roberto Rodrigues

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV

Moderador: Fernando Lopes, Valor Econômico

Debatedores:

Ana Amélia Lemos, Senadora

Alan Bojanic, Representante FAO Brasil

Cleber Oliveira Soares, Diretor de Inovação e Tecnologia Embrapa

José Roberto Ricken, Presidente Sistema Ocepar

Luiz Cornacchioni, Diretor Executivo ABAG

Luiz Gustavo Nussio, Diretor ESALQ-USP

Expositor

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV

Antes de começar a palestra, Roberto Rodrigues propôs que a senadora Ana Amélia fosse presidente da República, para consertar o desastre feminino anterior, e sugeriu, para Ministro da Fazenda, Alysso Paolinelli. “O Brasil jamais pagará o que deve a esse homem, por tudo que fez com nós. Ana Amélia presidente e Alysso na Fazenda, ninguém segura mais esse país”, enfatizou.

Rodrigues apresentou um resumo do cenário mundial, dizendo que que vivemos um momento complicado de inseguranças, incertezas, sem que alguém saiba que rumo tomar. De acordo com ele, boa parte disso se deve à falta de lideranças e questionou quem seria o grande líder global nesse momento, descartando Trump, Putin e o “gordinho” da Coreia do Norte. A falta de um líder que mostre o rumo para mundo, sem direção, sem liderança, o mundo vai mal, disse ele. “ Vivemos hoje um momento complicado. Inclusive, dizem alguns especialistas nesse tema, a própria democracia corre risco nesse momento. Mas uma coisa é certa, pode haver a dificuldade que for, é preciso comer. Você pode ficar sem roupa, pode ficar sem automóvel, pode não trocar de casa mas comer precisa todo dia”.

Para ele, a grande questão planetária do século 21 é que é preciso alimentar o mundo ao mesmo tempo em que se preservam os recursos naturais para que as gerações futuras não sejam prejudicadas. Esse seria o grande desafio do mundo hoje. E apresentou alguns dados: Em 1950, um agricultor alimentava 16 pessoas. E graças a tecnologia, capacidade

técnica, isso foi aumentando, e chegando ao ponto que, em 2020, que é depois de amanhã, um agricultor alimentará 200 pessoas. “Cada vez menos gente alimentará mais gente. É um tema irrecorrível e que passa ser uma questão global”, avaliou. A tal ponto, disse, que a ONU passou a projetar que, em 2050, teremos 9,5 bilhões de pessoas no mundo, de modo que a demanda de alimentos vai crescer 70% com esse volume de população global. A projeção é do começo desse século, 2010, explicou. “Eu, aos 75 anos, aprendi uma coisa: você olhar muito tempo à frente é fria. Qualquer previsão acima de cinco, 10 anos é fria. O pessoal da minha era deve lembrar de Herman Kahn que, nos anos 1970, escreveu um livro sobre a economia do mundo no ano 2000 e errou 95% das previsões. Porque, nada que você enxerga hoje, é verdade daqui a cinco, seis anos.” Segundo ele, esse dado da ONU só tem importância por um fato: a ONU é o órgão mundial encarregado da preservação e manutenção da paz no mundo, sem muito sucesso. E ela começou a falar em segurança alimentar porque não há paz onde houver fome, explicou. Rodrigues disse que é preciso alimentar o mundo para acabar com a fome e a guerra. “Essas migrações que vemos todos dias, praticamente, na África, Ásia, no Oriente Médio para a Europa em busca de emprego é por causa disso. Tem fome, tem guerra e ninguém vive em paz. Então, a ONU, ao defender segurança alimentar, passou a linkar segurança alimentar com a paz.”

Rodrigues afirmou que olhar 40 anos à frente é bobagem, porém, ressaltou um estudo mais recente da OCDE, que prevê, 10 anos à frente, que oferta mundial de alimentos tem que crescer 20%. “Se crescer isso, está bom. Dois por cento por ano, moleza, tá bom. Nós crescemos 13% com a safra de 2016/2017. Mas não é moleza, não. A Europa não cresce, em 10 anos, mais que 4%; Estados Unidos, não mais que 5%”, alertou.

Segundo ele, a OCDE, junto com a FAO, fez a previsão com um número assim: para que o mundo cresça 20% nos próximos 10 anos, o Brasil tem que crescer 41%. “Esse número não é mais da OCDE nem da FAO, estive agora, 15 dias atrás, em Washington, a USDA adotou os dados do OCDE/FAO. O Brasil precisa crescer 40% para que o mundo cresça 20%”. Isso, de acordo com Rodrigues é uma coisa nova, inédita: “que o mundo olhe para nós e implore, pelo amor de Deus, Brasil, aumente 40% sua produção em 10 anos para que não haja fome no mundo. É uma demanda nova para nós”. Ele lembrou que, há algum tempo era contrário, queriam segurar o Brasil, por causa do potencial. Havia e há ainda uma resistência à produção brasileira mas que agora está mudando com esse projeto de segurança alimentar que a ONU defende.

Segundo Rodrigues, a OCDE acredita que o Brasil pode crescer 41% porque tem terra, tem tecnologia e os números são evidentes, do Plano Collor até hoje, a área plantada com grãos cresceu 61% e produção 310%. “É impressionante a tecnologia para o setor agro no Brasil hoje. Eu fui presidente da Aliança Mundial das Cooperativas, trabalhei com o (José Roberto) Ricken muito tempo, desde o tempo em que ele era mocinho, nem um país do mundo fez o que o Brasil em 30 anos. Nem um país fez tanto, principalmente em grãos. Aliás, nem em carne. Frango? Frango, nós crescemos 448% do Plano Collor até hoje. E o Plano Collor foi um desastre, quem era agricultor naquela época sabe disso. Corrigiram os índices de preço por um índice e o crédito por outro índice que era o dobro, ferrou todo mundo”, afirmou. Segundo ele, de lá para cá, no entanto, o país cresceu em tecnologia e teve avanços notáveis, principalmente com as exportações. E disse que, em 2000, o Brasil exportou 20 bilhões de dólares. No ano passado, 96 bilhões de dólares. Quase cinco vezes mais, já

a soja, no ano 2000, representava 20% das exportações e, no ano passado foi 33%. “Eu me formei na Esalq de Piracicaba há 53 anos, 1965, está aqui meu diretor (Luiz Gustavo) Nussio. Em 65, o Brasil tinha 400 mil hectares produzindo soja, produzindo 1,2 mil quilos por hectares. Hoje temos 33 milhões de hectares. Quem fez isso? Nós fizemos isso. A ciência brasileira e o agricultor brasileiro fizeram isso. Isso é extraordinário”, enfatizou.

E apresentou mais dados: em 2000, 60% do que foi exportado foi para os Estados Unidos, ano passado nem 50% que, embora pareça que diminuiu, aumentou porque passou de 20 bilhões para 96 bilhões. Mas diminuiu em números relativos porque a China, que era pouco importadora, aumentou dez vezes sua importação do Brasil, em 17 anos.

Para ele, foi impressionante essa mudança no cenário do mercado global. A população crescendo nos países emergentes, onde a renda per capita cresce mais, precisa de comida, energia e fibra. E isso tudo faz do agronegócio brasileiro um quinto do PIB, um quinto dos empregos e quase a metade do valor das exportações, explica. O saldo comercial do agronegócio é garantidor do projeto Brasil porque o restante é deficitário. “Nós temos importância fundamental na economia brasileira”, ressaltou.

E propôs a criação de uma plataforma de nação. “A sociedade brasileira, em geral, já reconhece a importância da agricultura, já sabe. O jornalista, que cobre hoje o setor rural, tem muito mais seriedade, competência e profundidade sobre o assunto. Então, a verdade aflorou, de uma forma ou de outra, para a sociedade urbana, que é mais de 85% da população brasileira. Portanto o voto está lá. Se a sociedade urbana não compreender a nossa importância, nós nunca vamos ter voto do nosso

lado. E está mudando, a mídia e as lideranças nacionais que estão trabalhando nessa direção”, diz.

Segundo Rodrigues, há o reconhecimento da importância da agronegócio mas falta o pertencimento. O agronegócio, para ele, ainda não é do povo brasileiro. “No ano passado, a atriz francesa Catherine Deneuve recebeu o maior prêmio da cinematografia europeia e dedicou a sua premiação aos agricultores franceses. Perguntaram para ela o porquê. ‘Porque estou viva. Porque produzem para me alimentar’. Fico imaginando quando um grande artista brasileiro vai dedicar um prêmio a nós, produtores brasileiros. Falta esse pertencimento, o sentimento que o sucesso da agricultura não é só sucesso dos agricultores. É de todo Brasil”, assegura.

Rodrigues convidou os presentes a pensar com ele nesse processo, de olhar o futuro pensando no desafio colocado pela OCDE/FAO e Nações Unidas, que o Brasil pode crescer mais de 40% na produção. “Estivemos no final do ano passado na Fiesp, com dados também da FAO e comprovamos que é possível. O que falta? Falta um plano. Mas que plano é esse?” Ele explicou que, em todas as eleições que aconteceram no passado, as pessoas que estavam presentes no Fórum fez planos de governo para a agricultura. “Eu pessoalmente trabalhei em uma dezena de planos de governo da na agricultura e entregamos aos presidentiáveis.. Que nunca deram bola. Assim como nós fizemos para a agricultura, a turma do banco, da indústria, do comércio, teve 500 planos cada um contemplando um setor. E o governo tomava posse, tinha aquele mundo de planos e não podia atender nenhum. Alguns até porque eram conflitantes, havia “descasamentos” de interesses”.

A proposta apresentada é de uma plataforma aproveitando a vocação agropecuária para o Brasil, assim como a Índia tem uma plataforma na TI, a China na exportação, a Itália com comida, a França com turismo, etc. , Porém, envolvendo todos os setores da economia, um plano de Estado porque olha, no mínimo, 10 anos à frente, olha dois governos e meio à frente, com estratégias a longo prazo. “Isso é a plataforma que transformará o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar, pelas razões que todas que já foram apresentadas aqui, todos conhecemos. Seremos o campeão mundial da segurança alimentar e, portanto, o campeão mundial da paz.”

O processo, de acordo com ele, é simples. O sucesso é do agro, mas há universidades urbanas que estão formando gente para agricultura, pecuária, economia rural. Assim como as siderúrgicas, que faz aço para trator, trilho de trem; a indústria de fertilizantes e de defensivos, a que faz trator, caminhão; a construtora que constrói estradas, silos, tudo urbanas. “Então nós devemos muito ao urbano para chegar a onde chegamos. Um banco é urbano, uma seguradora é urbana. Existem relações difíceis, sim. Porque a vida é assim. Não vamos pensar que o comércio é um templo de boa vontade. Comércio é guerra. Mas eu, produtor rural, não faço sem semente, sem fertilizante, sem trator, e tudo isso é fornecido pelo urbano. Embalagem, supermercado, trading, navio para levar a produção? Tudo urbano. Então, o que propomos é transformar o Brasil inteiro numa agência que nos leve a ser campeão mundial da paz”, disse.

Rodrigues afirmou que não há nenhum brasileiro que esteja desligado disso, com mais ou menos grau de proximidade. “Um jornalista que escreve em jornal. Jornal é papel. Papel não nasce em resma. Nasce em árvore. Está vestido em calça jeans porque alguém plantou algodão, que

precisou de semente, que usou defensivo, que usou máquina. Quem vai beber cerveja? Não tem cerveja sem cevada. Não tem emprego para garçom que serve cerveja se não tem semente de cevada para plantar e depois fazer a cerveja. Então, toda cadeia produtiva está intrinsicamente ligada. ‘Siamesamente’ ligada”, enfatizou.

Para ele, é preciso que todo brasileiro tenha orgulho da agricultura brasileira. E que a plataforma tenha também uma base macro econômica, com princípios linkados no liberalismo, com todo mundo falando uma língua só. “Por que agricultura vai bem? Porque depende pouco do Estado. Hoje, a maioria dos outros setores está tudo ligado ao Estado. A indústria automobilística está pendurada no Estado. Sem subsídios não vai a lugar nenhum. A agricultura avança independentemente do Estado.

Então vamos montar um programa onde todas as reformas fundamentais, sobretudo a política, sejam tratadas como ponto de partida macroeconômica, tributária, previdenciária, política ambiental, tudo tratado no cenário macroeconômico. Feito isso, vamos definir como está o cenário mundial nas demandas comida, energia e fibras e ver qual o capítulo que cabe ao Brasil. Onde é que temos que ir, quanto temos que produzir nesse período de 10 anos, no mínimo”, explicou.

A plataforma deve ter elementos fundamentais para que o Brasil avance, de acordo com Rodrigues. Primeiro, a tecnologia – inclusive considerando o regionalismo no Brasil, já que a tecnologia das culturas do Maranhão e do Rio Grande do Sul são diferentes. Depois, comércio, já que 40% do comércio mundial de alimentos acontecem entre acordos bilaterais entre países e o Brasil não tem nenhum acordo bilateral importante. “O Itamaraty está avançando positivamente mas demorou séculos para

definir acordos, a ideia é fazer o que o Blairo (Maggi, atual ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) está fazendo, ao meu tempo eu fiz também, que é abrir mercados e manter os atuais”, disse. Outro ponto são a estrutura e logística já que há dezenas de logística no Brasil, mas o projeto considerará volumes de produtos que passarão na rodovia, hidrovias, na ferrovia, aeroporto e no porto; na entrada do insumo e na saída do produto. Políticas de renda, com modernização da legislação, seguro rural – que é muito importante-, cooperativas de crédito, turismo rural – programa de renda que está crescendo no mundo, preços e mercados futuros.

“A Gestão precisa de políticas públicas, porque precisamos de certificações, de recursos humanos, desperdícios e perdas precisam ser melhorados, assistência técnica e extensão rural e olhar muito um tema, que preocupa bastante, que é o pequeno produtor rural. Nós temos que dar uma política especial para ele, com vantagens comparativas”, avaliou. Ele também disse que está falando de política industrial, de fertilizantes a tratores e caminhões, já que hoje há uma tributação quanto à política industrial de alimentos muito complicada com um guia nacional de alimentos que criou a categoria ultra processados como se fosse pecado processar alimentos, tem que comer tudo orgânico só.

Para ele, sustentabilidade é um tema essencial. Não há competitividade sem sustentabilidade, com a regulamentação para o uso da terra aqui incluídos. Agroenergia já que vem aí o etanol de milho, inevitável e bom, assim como biodiesel e outros produtos ligados à agricultura. Assim como o associativismo e cooperativismo.

Segundo ele, tudo isso está sendo discutido em grupos de trabalho, o relevante disso é que as entidades de classe do agronegócio estão bancando isso, não estão pedindo dinheiro para ninguém, são 17 consultores, alguns internacionais. “Vamos discutir isso longamente, com o setor, com a imprensa, com os deputados, para chegar, no final de junho, com um plano completo a ser oferecido aos candidatos à Presidência da República. E aquele candidato, que mais de perto, se comprometer com essa plataforma, será aquele que nós recomendamos. Olha, quer votar no candidato certo, vote nesse aqui que está casado conosco. Esse prometeu e vai fazer esse plano conosco”, afirmou.

E, segundo ele, por último, é preciso melhorar a Comunicação. “Nós somos numa incompetência enorme nesse negócio aí e há muito tempo. Começou com Pero Vaz de Caminha. Ele era um puxa-saco do rei e foi lá e falou ‘nessa terra em se plantando tudo dá.’ É mentira. O Brasil tem terra pobre, terra ruim. Quem planta no cerrado sabe disso. Sem adubo, sem calcário não dá nada. Mas o que virou hoje é por causa da tecnologia tropical desenvolvida com sustentabilidade muito grande. Outro dia, no aeroporto, peguei um taxi e o taxista pergunta: que você faz? Sou agricultor a resposta dele: ‘Ô coisa boa, plantou, colheu’. Ah, se fosse fácil assim”, contou.

Ele lembrou também de Monteiro Lobato, que descrevia social real do Brasil. E na agricultura? “Jeca Tatu, o caipira da roça. O Brasil era rural. Não tinha cidade, não tinha internet, não tinha nada. Como fazia para passar o tempo? Fazia filho. Então tinha um monte de filho, 10, 12, 15 filhos. Que que o pai fazia com aquele monte de moleque criado no terreiro? O mais esperto, ele chamava, ‘Vem cá, meu filho. Você vai ser

adevogado.’ O outro, você vai ser médico. E o mais burro, ele falava: “você vai ficar trabalhando para seus irmãos estudarem’. Era o Jeca Tatu. Então ficou isso. Qualquer tonto era o Jeca Tatu. Quando Juscelino criou o programa de urbanização do país, o campo reclamou, o que nós erámos? Chorão. No plano Collor, nos chamaram de caloteiros – e agora repetiram de novo. Então é preciso mudar isso”, afirmou. Mas garantiu: “ O que estou propondo para vocês é uma plataforma brasileira para fazermos o Brasil o campeão mundial da segurança alimentar e da paz. Isso não é só um trabalho nosso, é um trabalho de todos os brasileiros. Se vocês toparam, vamos avançar”.

Ana Amélia Lemos

Senadora

A senadora Ana Amélia Lemos abriu mão de sua fala nesse debate, argumentado que já havia falado na primeira parte do Fórum, durante a conferência “O Brasil Protagonista de uma Nova História no Agro Mundial”, e pelo fato de o debate contar com um número maior de participantes.

Cleber Oliveira Soares

Diretor de Inovação e Tecnologia Embrapa

Em sua apresentação, o diretor de Inovação e Tecnologia da Embrapa, trouxe duas reflexões: uma sobre os desafios do Brasil no agronegócio e outras sobre a construção de confiança.

No que diz respeito aos desafios, ele ressaltou que o Brasil precisa buscar quais são as tendências e oportunidades no agronegócio global. Com base nisso fazer suas escolhas e colá-las às tecnologias.

Ele lembrou que o Brasil já é reconhecido como um grande produtor de alimentos e um dos principais players do agronegócio mundial. Para ele, os nossos compradores estão olhando com olhos diferentes, querendo saber o que, além de alimentos, o País pode oferecer. “Não adianta apenas volume, se não tivermos outros valores agregados a este grande volume”, comentou.

Nessa lógica, ele traçou cinco grandes tendências que devem guiar o País para além da produção de alimentos:

Uma delas é a produção de alimentos de forma sistêmica, com a lógica da integração lavoura pecuária floresta, a descarbonização dos processos produtivos; a intensificação produtiva sustentável. “O mundo olha para isso e espera isso do Brasil. E claro, temos tecnologia por trás disso”, comentou.

O segundo pilar, segundo ele, é a estratégia de diversificar, especializar e agregar valores aos produtos brasileiros. Ele observou, por exemplo, que a Europa não produz café, a Bélgica não produz cacau, e que os europeus

ganham dinheiro em cima dessa produção brasileira. Por isso, defende ele, a lógica é diversificar e agregar valores, que com o uso de tecnologia, o Brasil terá novas oportunidades.

O terceiro pilar, segundo o Cleber, diz respeito à inteligência territorial. Ele enfatizou que no Brasil a preservação é um importante componente dentro do sistema de produção.

“Ninguém mais que o produtor brasileiro produz de forma sustentável”, comentou. Para ele, no entanto, é necessário utilizar o sistema de produção de forma regionalizada e territorializada. Ele recomendou ainda que os exemplos adotados no Sul do País sejam ampliados para o restante do Brasil.

O pesquisador da EMBRAPA colocou como quarto pilar, o empoderamento do consumidor. Segundo ele, é necessário atender aos anseios dos consumidores, com alimentos diferenciados. “São eles quem nos pagam. E o alimento como experiência ainda é uma situação ínfima no Brasil, conceito tão comum na Europa”, disse.

Como quinto pilar, Soares apontou a economia digital. Para ele, não há evolução para quaisquer segmentos da economia se este conceito não foi aplicado à agropecuária. Ele observou que a tendência é de estabilização da produtividade ou de crescimento muito pequeno. E que a economia digital é o elemento capaz de otimizar e incrementar a produtividade em qualquer setor produtivo do agro.

O pesquisador observou que o mundo espera muito do Brasil em termos de segurança alimentar e credibilidade no que se produz por aqui. Mas, segundo ele, só há uma grande agenda, que está confluindo as expectativas de todos os atores de todas as cadeias produtivas: a Agenda

2030, com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável. E na agricultura, ressaltou Soares, o tema não diz respeito apenas à produção de alimentos e combate à fome, mas também está relacionada ao clima, qualidade do solo e da água, empoderamento feminino e todos os outros componentes da agenda. “Esta talvez seja a grande agenda que o agronegócio tropical tem e precisa aderir para poder ampliar a confiança do mundo no Brasil. Pois, por maior que sejam os volumes de alimentos produzidos, se não tivermos reputação sobre o que produzimos por meio desta agenda transversal, não conseguiremos ampliar e conquistar novos mercados”, alertou.

Luiz Cornacchioni

Diretor Executivo ABAG

O diretor executivo da ABAG afirmou que o agro ainda tem muito o que avançar na questão institucional. Ele se disse otimista, e que houveram muitos avanços. Ele observou que a representatividade do setor no Congresso Nacional cresceu bastante nos últimos 10 anos. “Hoje temos mais organização e uma frente parlamentar que leva as demandas do setor”, comentou.

No que diz respeito à questão da comunicação do setor do agro, ele afirmou ser mais otimista, e que percebe a sociedade mais consciente da importância do setor agrícola. Para ele, a comunicação digital é um desafio enorme, mas que o setor está aprendendo a lidar com ela e avançando. Ele comentou que a Abag, em parceria com a APEX, Sociedade Rural Brasileira e CNA, está levantando dados do

agronegócio brasileiro para divulgar no exterior, com o objetivo de melhorar a imagem do setor e abrir as portas para ampliar as exportações do agro.

Ele ressaltou a questão da política externa brasileira, citando a fala da senadora Ana Amélia. Para o representante da ABAG, se fizermos um retrospecto nos últimos 15 anos muito pouco foi feito nessa área e que isso tem sido muito prejudicial ao País. Mas ele reconhece que o Brasil detém um protagonismo como fornecedor de alimento, que precisa ser capitalizado ainda mais a favor do setor. O debatedor anunciou que o Congresso que a ABAG realizará em agosto deste ano será focado na questão das exportações. Ele defendeu ainda a proposta do ex-ministro e painalista Roberto Rodrigues, de se elaborar um plano para o setor agropecuário como um todo, e assim deixar de ser espectador para se tornar protagonista na questão internacional.

Alan Bojanic

Representante FAO Brasil

O representante da FAO afirmou em sua apresentação que a questão alimentar está sem dúvida associada ao Brasil. Ele disse que o organismo internacional está convencido que os 40% de aumento na demanda por alimentos no mundo será suprida pelos produtores brasileiros. Bojanic afirmou que a FAO prevê que a produção brasileira de alimentos ultrapassará os 300 milhões de toneladas em 2025. “Não é um otimismo insano, é uma expectativa realista, baseada em fatos”, declarou.

O agente da FAO afirmou que o Brasil ainda tem muitos desafios para vencer, necessidade de ampliar alianças e aumentar suas exportações. Mas, quando a população mundial atingir os 10 bilhões de habitantes, o Brasil é quem será chamado para suprir a demanda por alimentos.

Mas para ele, além de alimentos, o Brasil precisa exportar tecnologia, como as que desenvolveu para a agricultura tropical, e também deve ser modelo para o mundo todo em sustentabilidade. “Taí o exemplo com os 11 milhões de hectares de integração lavoura-pecuária-floresta. Precisamos dessa diplomacia para exportar esse modelo”, comentou. Ele também defendeu a necessidade de o Brasil ampliar sua participação na geração de agroenergia, tornando-se líder mundial no setor. Dessa forma, propagar a redução de gases poluentes na geração de energia.

O representante da FAO também destacou o empreendedorismo característico dos produtores brasileiros. Bem como o modelo cooperativista, que é uma modelo para o mundo. “Essa liderança precisa ser projetada no exterior, ser melhor divulgada”, afirmou. Da mesma forma, ele defendeu que as instituições de ensino e pesquisa ligadas ao agro precisam de melhor divulgação. “Temos que projetar o conhecimento que se gera por aqui”, comentou.

Bojanic ressaltou que a tecnologia digital é uma necessidade, e que apesar de avanços, ela precisa ser massificada entre os produtores. Para ele, para isso, é necessária maior articulação entre a academia, pesquisa e setores privados, para que a liderança brasileira seja algo concreto.

Ele também observou que todas áreas precisam de indicadores para seguir em frente se desenvolvendo. E que, o Brasil já caminha para atender a agenda 2030, com os objetivos do milênio para o desenvolvimento sustentável.

José Roberto Ricken

Presidente Sistema Ocepar

Para o presidente do Sistema OCEPAR, o setor deve aproveitar a mudança de tom que a sociedade sinaliza sobre a importância do agro. Ricken afirmou que se não fosse o agronegócio, o Brasil estaria fortemente comprometido economicamente. Para ele, esse é o momento para o setor externar sua contribuição econômica e social, e assim desmistificar as diferenças entre o urbano e o rural no País. Ele defende também que seja preconizado o desenvolvimento regional.

Segundo ele, a razão do sucesso das cooperativas do Paraná é o meio urbano. Ele disse que em 2015, as cooperativas do Estado faturavam R\$ 50 bilhões por ano, e que o plano traçado para cada cinco anos foi renovado, e que a previsão de que em 2020 esse faturamento atinja os R\$ 100 bilhões. Para isso, o setor tem investido em média R\$ 2 bilhões nos últimos cinco anos. O sistema cooperativo, segundo ele,

recebe cerca de 60% da safra, sendo que 50% desse volume é industrializado pelo próprio sistema.

O líder do setor cooperativista trouxe para a discussão a questão da Carne Fraca. Questionou o porquê dessa operação ter acontecido da forma que aconteceu. “Será que não estamos sendo ingênuos? Alguém está financiando isso?”, questionou, para em seguida lembrar que o fato aconteceu justamente quando o Brasil despontava como grande fornecedor de carnes para o mundo.

Quanto à questão ambiental que foi citada inicialmente, ele ressaltou a importância do Código Florestal. O dirigente também afirmou que o Sistema Ocepar encomendou uma pesquisa para a EMBRAPA sobre a situação das propriedades do Paraná. A pesquisa revelou que as propriedades preservam 28% de suas áreas, enquanto o Código determina a proteção de 20%. “Quase um terço de nossas propriedades estão preservadas, é uma contribuição dos produtores que precisa ser melhor divulgada pelos órgãos oficiais”, comentou, salientando que há um movimento contrário, que utiliza outdoors para acusar o setor como contaminador do meio ambiente. “Isso é um desrespeito para nós que estamos produzindo”, afirmou.

Ricken também defendeu maior divulgação do que o setor agro realiza no Brasil para o mercado externo, como condição fundamental para assegurar o futuro do setor. “Temos facilidade para garantir a origem de nossos produtos, pois conhecemos nome e sobrenome das quatro gerações que produzem no Paraná”, comentou.

Luiz Gustavo Nussio

Diretor ESALQ-USP

O diretor da ESALQ-USP iniciou sua fala salientando a importância de a agricultura no mundo e no Brasil hoje dispor de um banco de dados para argumentar sobre a sua importância. Mas, no entanto, ele observou que isso não é o suficiente, pois desta forma o setor tenta apenas se defender. E que essa estratégia, como qualquer especialista em marketing e comunicação sabe, é a mais onerosa. O mesmo vale para o setor da educação ligada à agricultura. “O Brasil tem uma agricultura pujante, e fica preocupado por não ser devidamente reconhecido aqui e lá fora por uma população majoritariamente urbana. E isso também é uma verdade nas áreas acadêmicas das ciências agrárias”, comentou.

Prova disso, segundo o debatedor, é que na última década, período em que a agricultura mais cresceu no Brasil, foi o período em que registrou-se o maior crescimento da relação candidatos/vagas para os cursos das áreas de ciências médicas e das engenharias. Enquanto os cursos das áreas de ciências agrárias têm hoje os menores índices na relação candidata/vaga da história.

O diretor questiona o fato de os jovens do País não se entusiasmarem com o setor de agricultura diante de sua pujança. E observou que a situação é análoga ao que se relatou no Fórum sobre a produção científica e agrícola no País, que é grande mas não suficientemente reconhecida como tal.

Nussio disse que, como alguém ligado à academia, percebe que o Brasil possui condições estruturantes para se tornar um país com grande protagonismo, mas que nessa equação raramente vê preocupação com a formação de recursos humanos, sem os quais não se pode crescer na agricultura. Segundo ele, nos últimos 20 anos, o País produziu um número de técnicos no setor agro numa taxa 20% maior do que o crescimento da produção agrícola. “Quem olha para esse número pode imaginar que não temos perigo pela frente”, comentou. Mas salientou que os maiores competidores do Brasil tem hoje no campo uma relação de técnicos cinco vezes maior que o Brasil.

O mesmo vale para os investimentos do Brasil em pesquisa e desenvolvimento para o setor, que por aqui ficam em torno de 1,2% do PIB, enquanto os maiores concorrentes do País investem acima de 3,5% do PIB em pesquisa e desenvolvimento. O diretor da Esalq-USP ressaltou que para o Brasil continuar crescendo precisa investir mais na pesquisa e na formação de pessoal especializado.

Ele observou fez essa narrativa, sendo alguém que vive a realidade de uma instituição que está ranqueada entre as 10 melhores universidades do setor no mundo, mas que é preciso sempre estar se desafiando para manter o posto e sempre estar olhando para os concorrentes. Segundo ele, as outras cinco universidades ranqueadas ao lado da ESALQ-USP estão em países do primeiro mundo e recebem investimentos de mais de 3,5% do PIB.

O debatedor contou que a instituição que dirige criou um dispositivo para promover a aproximação da sociedade com a universidade, para

que esteja mais presente na vida do cidadão. “Estamos carentes de reconhecimento, e talvez o erro seja buscarmos esse reconhecimento no fato de contribuirmos com a pujança do Brasil no abastecimento e segurança alimentar”, comentou. Ele observou que nos anos 70, o departamento de Agricultura dos Estados Unidos clamava por recursos e hoje consegue um belo aporte graças a obtenção de dinheiro de forma triangulada. Segundo ele, a estratégia foi mostrar que o investimento na agricultura gerava segurança e saúde.

Ele defendeu o que mesmo seja feito aqui, e que neste ano, quando serão escolhidos novos governantes, que o setor da agricultura fomente o que não se espera dela, que são os três pilares: segurança, saúde e educação. Para ele, esta seria a maneira que o setor privado da agricultura obter recursos de maneira indireta.

Nussio salientou o fato de ser dirigente de uma instituição pública, e que se não trouxer consigo a ideia de convencer um jovem que vale à pena estudar na ESALQ-USP, por ser uma instituição com alguma distinção, isso se perderá, e a escola se tornará uma instituição genérica. Por isso, afirmou ele, a ESALQ-USP segue trabalhando para atrair os melhores alunos e convencê-los de que a agricultura sempre vale a pena.

PAINEL

INOVAÇÃO NO AGRO E NA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA: AS DEMANDAS MUNDIAIS E OS DESAFIOS NA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE ALIMENTOS

Moderador: Tobias Ferraz, TerraViva

Painelistas

Marcelo Vieira, Presidente SRB

Alysson Paolinelli, Presidente Abramilho

Marcos da Rosa, Presidente Aprosoja

Paulo Herrmann, Presidente John Deere

Pedro Lopes, Presidente ABTC

Mônika Bergarmaschi, Presidente IBISA

Luiz Lourenço, Presidente Conselho Administração da Cocamar

Alysson Paolinelli

Presidente da Abramilho

“Quero agradecer esse convite, principalmente por ser no Paraná. Eu devo muito ao Paraná de quando estava no governo. Quando a coisa apertava, ficava difícil, sem solução, eu corria atrás do Paraná, porque aqui, na hora que conversava com os produtores, ouvia o interesse, a força de vontade,

o ideal, a ânsia de fazer bem feito era como uma injeção de cânfora na minha veia. Eu voltava mais leve. Então, o Paraná sempre me passa um estímulo. E essa mostra é exemplo disso. Os desafios que nos pedem agora, geram outros. Teremos mais desafios pela frente.

Todo mundo sabe que o Brasil está caminhando mais, está fazendo mais, está produzindo mais, mas eles não sabem alguns detalhes que estamos vivendo aqui, perigosíssimos. No setor da agroindústria, por exemplo, está sendo penalizada dia a dia, os tributos são excessivos. Há uma péssima administração financeira no país. Não sou candidato a nada. Nem a ministro da Fazenda, como o Roberto (Rodrigues) falou. Eu gostaria de ser ombudsman mas que minha voz fosse ouvida, que funcionasse como deveria funcionar a voz dos nossos tribunais. Especialmente aqueles fiscalizam as contas públicas. Porque estão abusando de um país que podia estar bem, ter recursos, e não fazer isso que estão fazendo.

Um país como o Brasil, com a extensão que tem, com o potencial que tem, não poderia estar tributando em mais de 40% do PIB aqueles que estão trabalhando. A indústria brasileira hoje, além da burocracia, está sobrecarregada de tributos. A gente fica sempre pensando: por que o trator feito pela Argentina ou ali no Paraguai são sempre mais baratos que aqui, custa uns 30% menos? Deve ter um segredo aí. Se o nosso Paulo (Herrmann) é mais generoso com o Paraguai e vende mais barato lá? Eu não acredito. São os tributos.

A agricultura brasileira sempre ficou para trás porque não era subsidiada. O que havia - e inteligentemente foi feito pelo nosso famoso Roberto Campos que foi estudar economia e como fazer - a chamada transferência em benefício de um setor que tem mais dificuldades como a agrícola. Foi

aí que ele descobriu que, entre o tributo depositado hoje, pago por todo brasileiro, ele tinha uma média de oito meses e 17 dias para ser gasto. E esse dinheiro ficava parado a custo zero. Então ele falou: parte desse dinheiro, nós vamos estimular os setores produtivos. Estimulou o agrícola. E eu estou falando isso porque pude fazer uma política agrícola muito boa porque recebi condições, recebi assim. O que eu tive foi um presidente que acreditou e elevou nosso budget de participação 53% do planejamento orçamento. Foi a única vez que o Brasil teve sobra de recursos no setor agrícola. Fizemos a pesquisa, organizamos a Embrapa e aprovamos 17 instituições estaduais de pesquisa, criamos a extensão rural que é muito necessária, pagávamos a metade do custeio dela e fizemos um sistema integrado, ajudando as universidades com recursos de pesquisa para que ela nos retribuísse e ajudasse. E assim se construiu o sistema integrado que deu certo. Não faltou dinheiro. O dinheiro está aí.

E eu quero dizer para vocês que, como passei de um governo para hoje, a nossa economia mais de 20 vezes maior que era. E por que naquela época nós tínhamos dinheiro e hoje não tem? Que milagre é esse? Ou que desastre é esse? Muito simples: gastaram absurdamente, irresponsavelmente os recursos. E não vou falar aqui que foi só a corrupção. Ela fez um rombo muito grande. Mas, principalmente, gastaram além dos orçamentos criando uma famigerada dívida pública. Eu não quero assustar vocês, mas o Brasil deve aproximadamente quatro trilhões de reais na sua dívida mobiliária. E nós somos avalistas dos Estados, dos municípios e das estatais. Gente, tem uma dívida ali já feita de mais de um trilhão. Nós vamos chegar, se fizerem a conta direitinho, em 2019, com o novo governo, com uma dívida 5 trilhões. Isso é, por acaso, nosso PIB. Nós vamos estar devendo 100% do PIB brasileiro.

Isso que eu reclamo. Por isso que não está tendo dinheiro. Por isso que, toda vez que mal administram a economia, inventam o chamado plano econômico. Vocês se lembram do primeiro, em 1986, o famoso Plano Cruzado, do Funaro. Ali começou a bagunça. Acabou-se com o crédito agrícola, o preço mínimo foi por água abaixo. Não tinham mais créditos de comercialização, os investimentos passaram a ser hipotéticos. O setor agrícola só sobreviveu por uma única razão: graças a Deus, nessa época estávamos com um estoque de inovações e conhecimentos que nos possibilitou aumentar a produtividade.

E eu quero tocar o dedo na ferida aí. Vocês viram a palhaçada desse final de semana, quando um bêbado vai à mídia nacional, toda ela, para dizer que ele é quem fez o pobre comer, que permitiu que o pobre andasse de avião, comer carne de primeira. Me desculpem, mas é falácia, mentira. Quem fez isso foi o produtor brasileiro que, entre 1980 e 2000, permitiu, com sua competência, o aumento da produtividade, fazer com que os preços baixassem nesse país de 100 para 30%. Vocês fizeram o preço do alimento cair 70%. Não houve isso em nenhuma outra região do globo. E quero dizer mais. Em 1980, a família média brasileira gastava de 42 a 46% da renda só com alimentação. Em 2000, ela gastava de 14 a 18%. Exatamente o que está acontecendo em Bangladesh hoje, a família lá está gastando a metade da renda familiar só em alimentação. Eu tenho acompanhado para ver o que vai acontecer lá. Tenho certeza que não vão fazer o que o Brasil fez. Eles vão precisar que nós, brasileiros, continuemos a produzir com qualidade, constância de oferta e preços competitivos. Essas são as regras do mercado.

Mas só exportar commodities não é o ideal, não. Eu sou daqueles que defende a agroindustrialização, a valorização. Meus companheiros de

Minas Gerais sabem disso. Exportar café em commodities acho que é uma doidura brasileira. Por isso que estamos tentando fazer o café gourmet, de qualidade. Está começando a dar certo, a ter preço internacional. Não vamos perder nossa faixa de mercado mas vamos atingir outras. Se falou aqui hoje, a Alemanha não tem um pé de café. Tem. Ela tem lá uma estufa só para mostrar o que é um pé de café. Eu já vi. Mas fatura quase quatro vezes e meia o que o Brasil fatura com o café. Esse é o desafio. Nossa agroindústria precisa crescer. Mas para isso ela precisa ter seriedade na administração da economia brasileira. Não há possibilidade de uma agroindústria crescer, uma indústria de base crescer pagando até 45% de impostos em relação ao produto. Isso é uma balela. Precisamos corrigir isso.

Agora quero mostrar para vocês que essa solução precisa sair urgente. Vamos ter um novo presidente esse ano. E vamos exigir que esse novo presidente não repita os erros que estamos vendo ser cometidos. Impossível permitirmos isso e a forma que se tem é uma vigilância constante. Depende de nós. Não vamos reclamar amanhã que o governo exorbitou nas dívidas se não formos os fiscais, aqueles que atazanam os governos gastadores e irresponsáveis. Vamos transformar essa liderança numa trincheira firme para combater esses erros e omissões que o Brasil está passando. Se somos o carro-chefe da economia brasileira, nós temos os direitos de exigir. Vamos acabar com os esparadrapos na economia, que tá cheia deles arrebentando com o sistema produtivo brasileiro. Vamos ser nós os fiscais e exigir, mas exigir seriamente. Senão, continuaremos, como estamos fazendo, a pagar a conta. Muito obrigado”.

Pedro Lopes

Presidente da Associação Brasileira de Logística e Transportes de Carga (ABTC)

O palestrante começou sua fala lembrando que a missão de aplicação da plataforma para segurança alimentar colocada no Fórum por Roberto Rodrigues não pode morrer e que todos precisam estar envolvidos. Ele disse que também é agricultor e pecuarista e, portanto vive os dois lados: o de produzir e ter que escoar a produção e o de ser responsável por transportar essa produção. “Eu sei o que é, do fundo do campo, sair a produção, principalmente considerando a infraestrutura que temos. E, em pensando no fundo do campo, é preciso levar em consideração que não vai avião na lavoura, não vai trem, não vai navio na lavoura. O que vai lá é caminhão. E passando por estradas ineficientes”.

Segundo ele, recentemente esteve com o prefeito na sua região para tratar de resolver duas “pinguelas”, num arroio de oito metros no máximo. Segundo ele, tiveram que os produtores se unir para levar material para que a prefeitura consertasse as pinguelas para que passassem com a produção, pinguelas que deveriam estar prontas três anos atrás. “Eu perguntei ao prefeito, o que ele tinha disponível no exercício 2018 para comprar madeira para isso aí. E ele disse: Pedro, oito mil reais. Bom, com oito mil reais dá para comprar um pouco de madeira. Ele disse: não, oito mil reais por ano”. Segundo ele, a agricultura representa um grande fator econômico-financeiro para aquela região e, mesmo assim, não tinha verba para manutenção das estradas rurais.

O palestrante disse que um levantamento anual feito pela Confederação Nacional de Transporte mostra que o agronegócio brasileiro perde, todos os anos, cerca 3,8 bilhões de reais devido às péssimas condições das rodovias. E a produção que hoje está proposta para esse exercício, segundo ele, não vai encontrar infraestrutura melhor e terá uma perda considerável ao sair da máquina na lavoura e ir para a estrada. Segundo ele, é inacreditável o que se perde de grãos na estrada devido às más condições e veículos muitas vezes inadequados para o transporte. E chamou atenção para um detalhe que complementa o problema: a falta de locais adequados para guardar a produção. Segundo ele, falta armazenamento, há recursos disponíveis no BNDES mas ninguém se propõe a fazer porque não consegue suportar a carga de responsabilidade fiscal.

Ele também lembrou de outra dificuldade muito grande: a falta de integração dos modais brasileiros: o trem não “conversa” com o caminhão, o trem não conversa com o navio, navio não conversa com o avião, e não se consegue unir aquilo que é mais importante, além de tudo que os produtores sofrem com a falta de consideração dos próprios órgãos do governo, no que diz respeito à integração das fronteiras para facilitar a movimentação dessa carga entre estados. No Brasil, de acordo com Pedro Lopes, não existe uma política de armazenamento definido. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, o déficit de capacidade de armazenamento chega 53.729 milhões toneladas de grãos, diz ele, explicando que parte dos caminhões são usados para armazenamento. “Quanto tempo levamos para carregar os caminhões com nossas máquinas modernas? E os caminhões ficam parados nas

cooperativas, perto dos armazéns, oito a 10 horas porque não há condições de descarregar.”

Lopes chamou a atenção para a preocupação com o futuro da agricultura com relação aos jovens, filhos de agricultores, para o uso das máquinas modernas que o sistema recebe. Elas são levadas ao mercado mas, muitas vezes, não estão preparadas. O que precisa é, através do Sest e Senar, preparar o futuro para essas 300 milhões de toneladas de grãos, em 2025. De acordo com ele, é preciso preparar não só os que já estão dentro da lavoura mas, principalmente, preservar os filhos dos agricultores para acompanhar essa modernidade. Para todos que produzem e que sabem o quanto custa os tributos, imposto, o diesel e, às vezes, o mal preço para a produção, superando muitas vezes as deficiências de intempéries, de falta de chuva, tudo que foi observado no Fórum dá o direcionamento para onde se vai mas, segundo ele, é preciso também que acompanhe desde a base, daqueles que fincam o pé no chão e estão no dia a dia na labuta, que estão sofrendo – não só o pequeno mas também o médio e o grande – por falta de uma política efetiva de infraestrutura mas também por falta de apoio, como produtores que geram todo esse impacto econômico perante a economia mundial.

Marcelo Vieira

Presidente da Sociedade Rural Brasileira

O presidente da SRB começou sua fala tratando de inovação, apresentando os desafios que precisam ser enfrentados com novas tecnologias, novos modelos de negócios, para tornar o agronegócio

competitivo no mercado mundial. “Nós temos uma tecnologia relativamente nova, em termos mundiais. A agricultura brasileira, a maior parte dela, é baseada em tecnologia desenvolvida nos anos 1970 e 80, e coisa que não era conhecida no mundo inteiro para esse nosso ambiente tropical”.

Ele lembrou que hoje há uma aceleração de desenvolvimento de tecnologias, com startups para todo lado desenvolvendo coisas novas em todo mundo. E que isso é um desafio para o produtor, quer tem que aprender quais aquelas que dão retorno, reduzem custos, quais aquelas que melhoram a competitividade. “É um desafio de formação de equipe, de ter bons operadores, ter bons gestores no nosso negócio”, afirmou. Vieira afirmou que mais ou menos 20% dos produtores adotam essas novas tecnologias e que é preciso trabalhar para que mais agricultores façam uso disso.

De acordo com ele, a SRB está com um projeto novo, com parcerias, montando equipe para ir a campo para trabalhar com o produtor, mostrar quais são as novas tecnologias que estão dando retorno, dando resultados, tornando mais difundido e amplamente adotado. “Isso é muito importante. Para mantermos nossa competitividade no mercado mundial, precisamos ser um produtor de alimentos de baixo custo. Esse vai ser sempre o desafio, ainda mais no mercado de commodities que é absolutamente inseguro para o produtor e traz riscos enormes”, lembrou.

Outro ponto destacado por Vieira foi a questão do financiamento. “Nós estamos vendo a oportunidade, no mercado internacional, de ter novos mecanismos de financiamento a custo mais baixo que o crédito rural. Estamos trabalhando com investidores, com entidades internacionais para

trazer esses novos modelos de financiamento. Temos aí uma disponibilidade de recursos, por exemplo, para financiar uma agricultura de baixo carbono, uma agricultura sustentável – sendo que a brasileira é a mais sustentável de todo mundo -, é uma grande oportunidade para esses financiadores e eles estão super interessados no Brasil”, disse.

Vieira diz que a SRB está desenvolvendo modelos para trazer esses recursos para o agronegócio como alternativa para o risco que existe hoje. “Para isso, precisamos do envolvimento dos melhores agricultores e tenho certeza que, nessa plateia aqui, há muitos produtores capazes de desenvolver essa agenda, esse desafio de participar dessa busca de soluções para todos os cidadãos.”

Marcos da Rosa

Presidente da Associação Nacional de Produtores de Soja

(Aprosoja Brasil)

O debatedor lembrou que é, mais que o crescimento da produção, é preciso se preocupar com a rentabilidade do produtor brasileiro. De acordo com ele, hoje, a rentabilidade para 55% dos produtores é zero. “No Mato Grosso, nós temos uma contribuição à mais chamada Fethab (Fundo Estadual de Transporte e Habitação), contribuição que foi dobrada por decreto do governador, R\$1,56 por saca de soja, para cuidar da nossa infraestrutura. A minha fazenda está à 16km da BR 158 e à 35 km do asfalto que dá acesso à Canaã, cidade onde entregamos nosso produto. Choveu muito esse ano. Voltou os atoleiros no Mato Grosso, na estrada e dentro da propriedade. Estávamos lá colhendo num dia de sol, carretas na cidade, armazém cheio, muita umidade, o caminhão não sai da

propriedade”, disse. Segundo ele, foi a primeira vez em sua vida que precisou jogar soja no chão, em cima de lona. “Nós temos aquela máquina de bolsão e nossa capacidade de colheita diária ultrapassou por falta de infraestrutura. A estrada, pro lado da cidade, a chuva cortou e o dinheiro que pagamos a mais que o Brasil inteiro não foi usado para arrumar. Pro lado da BR 158, que daria uma volta de 90 km a mais, a estrada cortada. Jogamos a soja no chão para não ter mais perdas naquele momento”. Segundo Marcos, custo de produção brasileira está em 60 sacos por hectare, entre plantio até a entrega no armazém, investimentos em máquinas e corretivos. “Soja vendida a 60 reais, sobra 57-55. Custo 60 sacos por hectare. Nossa média será de 60,5 sacos. Poderia ser 65 mas houve perdas. Colhemos o custo de produção”, apontou.

Segundo ele, os desafios passam pelo plano de nação brasileira do ex-ministro Roberto Rodrigues, um plano que é o crescimento do Brasil sem detrimento da população brasileira. Além da alta carga tributária, além da deficiência do gasto do dinheiro público na infraestrutura, o país é primário em infraestrutura. “Nós somos 25 dentro de um Fusca em termos de infraestrutura. E temos que mandar nossos produtos, que todos exportados, todos, carne, grãos, para fora, de algum jeito”.

Para Marcos da Rosa, é preciso resolver esses gargalos, olhando por um plano de nação que só vai funcionar com vigilância. Com o produtor deixando sua casa, sua família tocando os negócios, para ganharmos o futuro. “Para a FAO não ter preocupação com a fome em 2050, nós precisamos ter renda para o produtor. Não esqueçam disso. Nós produzimos em apenas 7,5% do território nacional. E somos um perigo para os Estados Unidos, somos a salvação da China. Nós não usamos o Brasil. O Brasil está para ser usado. Mas nós, como produtores, somos

cada vez mais massacrados porque temos que produzir cada vez mais barato, não pode ter inflação, não pode ter renda”, afirmou.

Segundo ele, é preciso parar de ser omissos e pouca gente quer se envolver. “Sabe qual o meu salário na presidência da Aprosoja Brasil, e o das outras entidades? É zero. Nosso salário pode aumentar 100 vezes que continua zero. Mas nós deixamos nossas famílias, deixamos nossos negócios para que sirva de exemplo não só para a população brasileira mas, principalmente, para o produtor”, enfatizou.

O debatedor afirmou que o país vai conseguir entrar no futuro já que a classe é muito competente em produzir, concorrendo com todas essas dificuldades e ainda exportar para sanar a necessidade do mundo. “Nós podemos, sim, aumentar a produção com crédito, com garantia de produção, com segurança jurídica, com seguro agrícola que, hoje, é muito bom para o banco mas não é bom para o produtor.”

As tecnologias, todas, são importantes, segundo ele. Mas não adianta ter tecnologias se elas fazem que com o custo de produção se iguale a produtividade. “Nós precisamos de um espaço, para ganhar dinheiro. Para ter o filho agrônomo que fique lá na fazenda e não ter que se empregar numa multinacional. “

Marcos da Rosa conta, que, em suas andanças do mundo, tem visto o despreparo das embaixadas brasileiras em entender o que é o processo agropecuário brasileiro. “Na China, tínhamos até esses dias e agora ficou sem, um adido agrícola. Enquanto, na América do Norte, as embaixadas têm três andares: um de diplomacia e dois outros de associações, ajudando a divulgar a produção deles para abastecer a China. E nós divulgando as praias aqui. Nós, da Aprosoja, já aprendemos a andar junto

com a associação das tradings internacionais. Nós andamos, já há 10 anos, de embaixada em embaixada, de cliente em cliente, mostrando a qualidade do produto que o Brasil produz.”

Ele lembra que sustentabilidade é o que todo mundo pede e que Brasil tem sustentabilidade. “Mas, enquanto nós estivermos dominado pela propaganda negativa, como a Noruega expulsando nosso presidente do país deles, maltratando nosso presidente e colocando um bilhão num fundo para evitar o desmatamento na Amazônia. Que desmatamento? Em relação ao quê? O produtor não desmata ilegalmente. A responsabilidade não é nossa. Eles ligam para o desmatamento, mas não para a qualidade de água. Holanda comprou a Tortuga, empresa de minerais, de remédios, 100% nacional brasileira. A Holanda, cuja água não é potável, que está abaixo do nível do mar, que vem pressionar Incra, Ibama, pra não ter desmatamento. Se há desmatamento no Brasil é por falta de governo. É ilegal”.

O presidente da Aprosoja Brasil também lembrou sobre a lei ambiental que é mais rígida do mundo. “Aí nos falam do Cerrado. Você tem direito de desmatar 65%, você desmata apenas 50%, tem direito por lei – a Lei Ambiental é a mais rígida do Brasil – de mais 15%, mas se desmata essa área vem as tradings, porque as ONGs pressionaram, e não compram de nós.”. Para ele, é preciso por em ação esse plano de nação. “Mas depende de quem, depende de nós. Apoiar o deputado federal que entende nossa situação porque precisamos de leis lá no congresso. Precisamos apoiar o senador que entenda nossas necessidades. Por que? Porque quem quer ser candidato para nós construir um projeto de grande nação brasileira. “

Paulo Herrmann

Presidente Johnn Deere Brasil

O Brasil nunca será reconhecido como um país importante do ponto de vista industrial, segundo o palestrante que apontou que o país não tem tecnologia necessária para isso, nem para ser líder em serviços. “País que tem despachante não pode se candidatar a ser líder em serviços”, pontuou. Mas garantiu que podemos, sim, ser o melhor país em termos de agricultura. E apontou que o Brasil tem mais a oferecer que apenas os trópicos porque trópicos também tem na África. “E por que a África não tem essa relevância internacional que nós temos? Porque não tem instituições como Embrapa e Iapar, não tem os agricultores, esses heróis que vão lá e fazem e acontecem. Como aqui no Paraná que, na década de 1970, nós domamos a água e fizemos o plantio direto. Vinte anos depois, no Centro Oeste, introduzimos a segunda safra. E 20 anos depois estamos discutindo uma terceira e quarta safra, na mesma área, no mesmo hectare, que é a tal integração lavoura-pecuária-floresta. Isso não existe em nenhuma parte do mundo e isso mostra que somos um povo que tem competência, tem capacidade para se candidatar a líder mundial do agronegócio.”

De acordo com ele, há seis meses, assistiu uma apresentação do economista chefe da Johnn Deere, que estava muito preocupado com a perda da importância dos Estados Unidos na exportação do milho. O economista dizia que, 10 anos atrás, Estados Unidos representava 60% da exportação do milho do mundo. Hoje, caíram à metade. “Sabe quem está

ocupando esse espaço? O Brasil, que saiu do nada há 10 anos, para exportar 30 milhões de toneladas ano passado, representando 20 e tantos por cento da exportação mundial de milho. A preocupação agora é com a soja porque já encostaram em exportação. Em produtividade já nos passaram. O Brasil assumir a liderança da produção mundial de soja é uma questão de tempo. E tempo é menos de cinco anos. De maneira consistente. Não porque o clima dos Estados Unidos ajudou mas porque estamos fazendo melhor do que eles.”

Para ele, colocando tudo isso dentro do contexto, o Brasil tem as condições de fazer a melhor agricultura do mundo. Mas existem assimetrias que precisam ser corrigidas. “Está nas nossas mãos, agora em outubro desse ano, fazer uma grande renovação. Renovação de nossos representantes no Congresso. Eu tive a honra de suceder, nessa cadeira, uma grande senadora, que veio de onde viemos, de mãos limpas, que pode fazer muito por nós. Que, como a Ana Amélia, existem outros tantos trazendo pleitos concretos, verdadeiros. Chegou a hora da classe média brasileira eleger um presidente e um congresso que nos oriente e nos dê a devida proteção”, disse.

Segundo ele, a elite no poder foi muito ruim para o país, com alguns políticos que assaltaram o estado.; e o proletariado, que sucedeu essa elite, não fez melhor, “fez a mesma coisa”. “Foi muito importante que tenha acontecido, porque esse país é jovem, porque abra espaço para a classe média que pagou a conta toda vida. E eu falo classe média porque todos os agricultores são classe média. E essa é a hora de botar esse país nos trilhos devidos. Esse é o primeiro ponto importante.”

O segundo ponto é o tecnológico, de acordo com ele. “Há 30 e poucos anos, a gente dizia que o Brasil só usava tecnologia que estava defasada no mundo, não se usava nada que eles ainda usavam. Hoje, eu posso dizer pela minha empresa, que nós investimos dois bilhões de dólares nos últimos 15 anos, e hoje tem produtos que lançamos antes no Brasil que nos Estados Unidos. Então não existe, nas máquinas agrícolas e tecnologias de sementes em moléculas, nenhuma defasagem do que fazemos no mundo e o que fazemos no Brasil. Nós hoje temos o que há de melhor”, garantiu.

Porém, segundo ele, essa tecnologia não usada com eficiência, fato especificamente verdadeiro em relação às máquinas. Estudos feitos pela Johnn Deere em algumas propriedades mostram que, uma colheitadeira de um milhão de reais, por exemplo, é usada duas horas e meia por ano, durante a safra. Mesmo estudo mostrou que 60% dos produtos químicos aplicados por nossos pulverizadores é aplicado fora do momento correto, em termos de temperatura, umidade e velocidade do vento. Por cada bico de pulverizador passam R\$50 mil/ano de produto químico. E esses bicos não sofrem calibração e são usados, do início ao final da safra, da mesma forma. “Então nós temos muita oportunidade de aumentar e muito a eficiência da tecnologia que nós é colocada.”

E apontou que é que preciso renovar as grades curriculares das faculdades de ciências agrárias, que foram desenhadas nas décadas 70 e 80, quando nem se sonhava com essa tecnologia. “Os agrônomos que estão se formando por essas grades estão saindo ultrapassados, atrasados e para se tornar eficientes, será preciso gastar dois a três anos para recicla-los. Visão de sistemas integrados e intensificados ninguém tem. São os desafios que nós temos. Nós precisamos redesenhar nosso sistema

de ensino, nós precisamos reconstruir a extensão rural e aumentar a eficiência e eficácia do uso da tecnologia em mãos.”

Para ele, o Brasil não precisa ser humilde e submisso “como somos muitas vezes”. “Muitas vezes, não temos os números para mostrar o que efetivamente nós representamos. Quando o CAR (Cadastro Ambiental Rural) nos deu os números que 66% do território nacional está protegido, não tem dinamarquês, não tem primeira ministra que tenha capacidade moral de apontar o dedo para um produtor. Só um presidente desinformado pode aceitar um tipo de ofensa dessa natureza”, disse.

E aí, para Herrmann, entra questão dos serviços ambientais. “Temos que colocar isso na nossa agenda porque essa vai ser a forma de industrializar nosso produto. A gente sempre fala em agregação de valor pensando em indústria mas a gente pode sim agregar valor em um país que tem 66% da floresta protegida, tem sim serviço ambiental e isso tem que ser pago pela sociedade urbana. Temos aqui uma agenda positiva.”

Luiz Lourenço

Presidente do Conselho de Administração Cocamar

Para o palestrante, o problema do armazenamento é sério e é preciso mudar. Hoje, segundo ele, não há como fazer investimentos em armazenagem porque, se construir um armazém, não vai se conseguir pagar jamais. “Porque é realmente fora de propósito o custo para essa finalidade. É provável que algumas estruturas sejam mais baratas no futuro.”

Outra questão importante, para ele, é que a contribuição do agronegócio que, nos últimos 10-15 anos, chegou a um trilhão de dólares o que foi colocado nos cofres do governo e, grande parte disso é o que hoje está lá no saldo da balança comercial. “É fato que o agronegócio sustentou, de 2000 para cá, a nação brasileira. Crescemos, gente, não podemos dizer que não crescemos, inclusive em infraestrutura. Agora, toda essa dificuldade que o Brasil tem hoje é decorrente de toda essa ingovernabilidade que temos vistos nesses tempos. Mas podemos resolver isso nas próximas eleições”.

Para ele, o Brasil tem uma coisa que ninguém mais tem: mercado crescente. Só o mercado de soja cresce 5% ao ano em termos de consumo, “então nós temos que saber progredir e tratar esses problemas como um todo”.

De acordo com ele, a Cocamar e a John Deere estão envolvidos em um projeto integração lavoura, pecuária e floresta. “Eu comecei pesquisar o assunto há alguns anos, depois que um produtor porque não se planta soja no arenito. Isso me chocou bastante porque não existia essa resposta. E nós começamos a trabalhar tentando soja no arenito mas as tecnologias na época não permitiam, não tinha transgênico, etc. Depois de certo tempo, conheci o Paulo. Daí surgiu a ideia de uma associação, uma trading de fomento ILPF. Eu sou da base, daqueles que faz a coisa acontecer e agora, cinco anos depois, estamos Cocamar, Embrapa, John Deere, Syngenta, Bradesco e Sementes Soesp. E cresceu uma barbaridade”.

Segundo ele, uma medição, feita um ano atrás, aponta que já são alguns milhões de hectares no sistema. “E no caso do Paraná, há o arenito. São três milhões de hectares no arenito, no Noroeste, que tem uma pastagem,

vocês pecuaristas sabem, com uma produtividade ridícula”, disse. Para Lourenço, a pecuária extrativista como era feita acabou, precisando colocar outro enfoque em produção de carnes. “Não pode ter tanta terra imobilizada, 160 milhões de hectares no Brasil, produzindo 5 arrobas por hectare. Isso é inadmissível”.

O projeto, de acordo com o presidente da cooperativa, é para avançar sobre essa pecuária ineficiente e hoje já se tem, pelos menos, uns 50 milhões de hectares fazendo pecuária e agricultura juntos. “A Cocamar está muito envolvida com isso e até faço um convite aos senhores que, se tiverem interesse no programa, eu tenho uma equipe treinada especialmente para fazer a integração lavoura-pecuária-floresta, acho que é a melhor equipe fora da Embrapa e está à disposição dos produtores para fazer essa integração. E consiste simplesmente em pegar essas pastagens, dar uma arrumadinha, não muita, e plantar soja. A experiência que tivemos dá soja suficiente para pagar a conta da soja. O que vem depois? Pasto de boa qualidade. Em março, depois da colheita, plantar o capim e 60 dias depois esse capim está disponível como pastagem de inverno”, garantiu. Essa braquiária que está sendo usada pelos animais hoje, tem 4-5% de proteína, de acordo com ele. “Quando você planta uma braquiária nova, logo depois da soja, esse capim tem 12-14% de proteína. Um boi sabe a diferença. O projeto está com um sucesso bastante grande com a mudança do pensamento do produtor e não são fazendas grandes não. Nós temos produtores de 15, 20 hectares, nesse sistema de integração. Que é, na verdade, uma intensificação da produção na mesma propriedade e que gera uma riqueza adicional oito vezes maior”. E com a agricultura tropical, dominada pela Embrapa, faz com que hoje possa-se fazer integração lavoura-pecuária-floresta do Rio

Grande do Sul até o Amapá. E os números de ganhos é cada vez mais maior.

“Mas ninguém vai acreditar em nós, não somos levados à sério e toda vez que vamos discutir o assunto levamos pancadas no exterior. Está na hora de mostrarmos essas coisas todas. Agora tem um dado, como o mapa de cobertura vegetal que a Embrapa fez, que foi validado pela NASA. E precisamos aproveitar isso. Nós temos a oportunidade de fazer esse país crescer, é preciso produzir alimentos e nossa única chance é aumentar a produtividade. A Cocamar está em um monte de lugar e se quiserem, estamos disposto a ajudar. Mas a gente ajuda em tecnologia plena. Se quiser fazer meia boca, não conte conosco”.

Mônika Bergamaschi

**Presidente Instituto Brasileiro para Inovação
e Sustentabilidade do Agronegócio (IBISA)**

“A grande oportunidade de falar aqui hoje é que tivemos aqui tantos argumentos tão que, se vocês permitirem, vou tentar dar uma amarradinha naquilo que estávamos conversando até agora. Não há dúvidas que Brasil fez por merecer tudo o que fez. Na década de 70, nós tínhamos futebol, alguma coisa de café, um pouquinho de açúcar, samba, nada mais. E hoje somos exportadores. Gente, na década de 70, com o perdão aí, foi ontem. Isso tudo aconteceu de uma maneira muito rápida, foi incorporação de tecnologias, gente, foi uma série de coisas, e o Brasil, de fato, decolou. E precisamos ficar muito atentos. Se nós não nos conhecemos muito bem, o mundo nos conhece e estão de olhos

arregalados aqui e estão agindo, muitas vezes, de forma um pouco estranha, às vezes atrapalhando às vezes ajudando nosso desenvolvimento. Se de certa forma fizemos isso em pouco mais de 40 anos, a grande verdade é o que nos trouxe até aqui seguramente não responderá às perguntas que temos daqui para frente. Se isto é uma verdade e eu lhes asseguro que é, então nós vamos precisar inovar. Inovar em que? Em tudo. A tecnologia é aquilo mais fácil quando a gente fala em inovação. Mas para inovar em tecnologia, temos que ter investimento em pesquisa tecnológica, seja em pesquisa pública, seja pesquisa privada. Se nós queremos inovar, teremos que inovar também em eleição. Paulo foi muito feliz na sua colocação. Daqui a justo 180 dias, nós vamos às urnas e temos que fazer diferente. Pode falar “ó espertona, eu voto faz tempo”. Mas você acompanha quem você votou? Você cobra dele alguma coisa. Quem daqui lembra em que votou para deputado estadual na eleição passada? Você foi atrás e cobrou “você fez A ou fez B”. Quem acompanha a vida daqueles que nos representam? Então inovar é também eleger bem, acompanhar a vida dessas pessoas, para que a gente trabalhar.

Nossos problemas maiores, a gente falou muito em exportação, mas são os gargalos internos, a questão da logística, questão tributária, trabalhar quatro meses para pagar imposto. Tenho certeza que o Paulo tem dezenas de pessoas só para conferir guias, para não perder nenhum imposto, quer dizer é uma burocracia gigantesca. Eu não ouvi aqui hoje, salvo alguma ausência minha, a questão trabalhista. Hoje, 99% da minha transpiração é na questão trabalhista. Nós temos agora uma reforma que já está em curso e ela não resolveu os problemas do rural. Tem um PL 6442 que está tramitando lá, onde ainda tem problemas sérios da nossa agricultura que depende da aprovação desse projeto. Inclusive nós temos hoje uma das

menores produtividades do trabalho do mundo, somos também campeões mundiais em ações trabalhistas. Não é só que estamos na frente. Temos mais que o resto do mundo somados. Somos campeões de sindicatos, temos mais de 15 mil. Alemanha não tem nem 1% disso. Sindicato é ruim? Não. Sindicato safado é ruim. Os outros são importantes, assim como as associações e cooperativas.

Nós temos a questão ambiental. O Código Florestal vai fazer cinco anos sem que nada fosse implantado. Por que? Porque o passado é incerto. Agora nós somos o país do 6 a 5. Eu tava mais feliz com o 7 a 1 da Alemanha, agora somos tudo 6 a 5. O Código Florestal quase foi pro ralo por 6 a 5. Nós continuamos com 14 mil normas ambientais para a gente seguir. Se alguém disser que faz tudo eu truço, aqui e agora. Não faz. Porque é impossível. Tem uma medida que anula outra. Então como a gente segue com esse Brasil?

Nós chegamos a novos desafios. O mundo esperando que a gente faça um monte de coisas e nós não resolvemos o custo Brasil. Nós não resolvemos as coisas mais simples. Ah, passa essa e vamos para frente. Não. De diagnóstico está tudo maravilhoso, o que fazer sabemos. E a questão agora é o como. Como vamos fazer isso? E aqui eu vejo representantes de diversas entidades. Agora mesmo o Luiz Lourenço colocou quem quiser saber de ILPF, tenho uma equipe pronta. É isso que está faltando para a gente. Eu fui governo em São Paulo. A coisa mais fácil para quem está no governo, principalmente no executivo, é que venham várias pessoas da mesma cadeia e que uma peça uma coisa diferente. É só não fazer nada. Aí você não desagrada nem A nem B. E é isso que a gente continua fazendo.

A gente não se organiza na melhor maneira possível. Onde está nosso erro? A gente não fortalece as novas associações, não fortalece nossos sindicatos, nossas cooperativas. A gente não unifica nossos discursos. Quando a gente souber da força que a gente tem... Somos búfalos contidos, não temos a menor ideia da nossa força.... Quando tivermos ideia da força que temos, unificar os discursos e formos juntos ocupar os espaços, exigindo aquilo que de fato a gente pode exigir pelo simples fato de estarmos levando esse país nas costas, é onde, de fato, vai poder ter uma ideia melhor de tudo aquilo que é possível fazer. E como que é isso? Com arruação? Não, é de forma pacífica, de forma ordeira, é isso que a gente faz trabalhando com quem se expõe, que larga tudo, com salário zero, como o Marcos (da Rosa) acabou de dizer, e foi discutir o interesse das pessoas lá. Como ele, tem muita gente interessada. O que falta é essa retaguarda, é a certeza que as pessoas na base estão sabendo o que está acontecendo, muito atentas com essa fortaleza, trabalhando junto para que a gente possa colocar esse país em outro caminho. Fico muito feliz com que eu vejo mulheres aqui. Longe de mim o feminismo e esse tipo de coisa. Estou a 25 anos nesse ramo e estou acostumada com o ambiente cheio de homens. Não é esse o problema. Mas fico muito feliz porque nós precisamos de pessoas bem preparadas, interessadas não importa o gênero, não importa o sexo, o que importa é que exista gente que queira participar. Então o que eu vejo hoje é que nós precisamos inovar. Tudo aquilo está sendo feito há muito tempo, para e pensa: tem um jeito de fazer diferente? Tem. Então é isso que temos que fazer. Fazer mais, fazer melhor, na mesma área produzir mais e melhor, vendendo diferente, comercializando diferente e, principalmente, na comunicação como foi dito aqui. Trabalho na região de Ribeirão Preto há 18 anos, com educação

de escolas, com jornalistas, primeiro para que eles conheçam e depois possam fazer a comunicação direta com a sociedade. Pessoas como o Tobias, por exemplo, que transmitem as coisas como elas são. É isso que está faltando no Brasil. Está faltando transparência, está faltando clareza e está faltando heróis e que esses heróis sejam reconhecidos nos nossos produtores rurais. Muito obrigada.”

CONCLUSÃO

O Brasil, hoje, com todas as adversidades encontradas, já é um protagonista no mercado internacional de alimentos. O crescimento na produtividade que promoveu, nos últimos 30 anos, sem aumentar substancialmente a área utilizada seja no plantio seja na pecuária, comprova que pode, sim, vir a ser o “campeão da segurança alimentar mundial” e, portanto, o campeão da paz, como disse Roberto Rodrigues.

Atender a proposição da FAO/OCDE/USFA e aumentar em 41%, em 10 anos, a quantidade de alimento produzida no Brasil, é possível desde que os gargalos e assimetrias encontrados e que prejudicam os produtores e comprometem a produtividade sejam sanados. Impostos altos e taxaço elevada nos alimentos; infraestrutura ainda precária, principalmente nas estradas rurais que ligam as propriedades rurais ao mercado internacional; defasagem e atraso na formação de profissionais de Ciências Agrárias; legislação trabalhista ainda ineficiente; Código Florestal que não sai do papel tornando impossível cumprir as 14 mil normas ambientais em vigor hoje em dia; subutilização da tecnologia – principalmente nas máquinas agrícolas de alto custo - ; falta de um discurso único para cobrar as

autoridades; o “eleger bem”, nas próximas eleições, com acompanhamento constante e permanente dos representantes; e, principalmente, o preconceito extraordinário da área urbana, que ainda não entende a importância do agro e que continua chamando o produtor rural de desmatador; entre outros desafios como a falta da extensão rural e falta de políticas públicas para o pequeno produtor rural.

Para mudar a situação, está sendo proposta uma plataforma de nação, onde são contemplados planos de ação que envolvem o agro intrinsecamente ligado com outros setores da economia. Mas, para que dê certo, é preciso que a adesão seja total, de todos os produtores.

